



## O ESPAÇO E SEUS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS: O ESPAÇO SAGRADO

Space and its Multiple Meaning: The Sacred Space

### **Arlon Cândido Ferreira**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Pós-doutorado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / PUC-MG

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0075-7989>

[arloncf@gmail.com](mailto:arloncf@gmail.com)

### **Ivair Gomes**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de São João del-Rei / DEGEO-UFSJ

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5897-5084>

[ivair@ufsj.edu.br](mailto:ivair@ufsj.edu.br)

### **Luiz Renato Vallejo**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense / POSGEO-UFF

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5222-4378>

[luizvallejo@id.uff.br](mailto:luizvallejo@id.uff.br)

### **Ulisses Passarelli**

Graduado em Odontologia. Superintendente de Cultura na Secretaria de Cultura e Turismo de São João del-Rei.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0478-9478>

[ulisses.passarelli@gmail.com](mailto:ulisses.passarelli@gmail.com)

### **Betânia Nascimento Resende**

Graduada em Turismo. Professora no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial / SENAC

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-1527-4658>

[betanieresende27@gmail.com](mailto:betanieresende27@gmail.com)

### **Leonardo Cristian Rocha**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de São João del-Rei

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0948-0728>

[rochageo@ufsj.edu.br](mailto:rochageo@ufsj.edu.br)

Artigo recebido em jan/2023 e aceito em abr/2023

O presente trabalho pretende discutir a noção de espaço sagrado – fundamental para os estudos de Geografia da Religião, e também aproveitada por outros campos do conhecimento. Procuramos demonstrar que a dinâmica desse campo geográfico passa por tendências teóricas distintas, em suas diferentes concepções de Espaço Sagrado. Nesse sentido, nosso foco é a proposição de validade da categoria Espaço Sagrado como conformação simbólica, ou seja, a reflexão a respeito do sentido abrangente que possibilita as suas múltiplas existências ou como categoria de análise do fenômeno religioso em sua dimensão propriamente geográfica. Da interação do homem com o espaço sagrado, reconhece-se a multiplicidade de fontes pelas quais os homens admitem as santidades dos lugares, dando um norte ao conhecimento de certa categorização de espaços sagrados.

**Palavras-chave:** Conceitos Geográficos; Espaço Geográfico; Religião.

#### **ABSTRACT**

The present text intends to discuss the notion of sacred space – fundamental for the studies of geography of religion and also used by other fields of snow ledge. We try to demonstrate that the dynamics of this geographic field goes through different theoretical trends, in their different conceptions of sacred space. In this sense, our focus is on the validity proposition of the Sacred Space category as a symbolic conformation, that is, the reflection on the comprehensive meaning that makes its multiple existence possible or as a category of analysis of the religious phenomenon in its properly geographic dimension. From man's interaction with the sacred space, one recognizes the multiplicity of sources through which men admit the sanctity of places, giving a north to the knowledge of a certain categorization of sacred spaces.

**Keywords:** Geographic Concepts; Geographic Space; Religion.

---

## **1. INTRODUÇÃO**

A História do Pensamento Geográfico consiste em um campo de discussões teóricas, filosóficas, institucionais, epistemológicas e metodológicas. Nesse meio, se destaca a discussão dos conceitos geográficos, que sempre apresentam significativa importância, já que estes estão entendidos como instrumentos fundamentais para compreender a realidade humana.

Corrêa (1996; 2003) diz que a Geografia possui um arcabouço de conceitos que expressam a sua identidade, ao discutir a ação humana no ato de modelar a superfície terrestre. Os principais conceitos que estiveram presentes desde a formalização da Geografia como disciplina científica, ainda hoje se mantêm como bases para o conhecimento geográfico. Sendo os principais conceitos-chave fundamentais: espaço, território, região, paisagem e lugar. Cada um desses conceitos guarda variados significados, sendo objeto de intensos debates teóricos, conforme corrente de pensamento a que se filiam e as variedades circunstanciais em que são utilizadas (TONUCCI FILHO, 2013).

Esses conceitos de análise são fundamentais para se compreender a realidade socioespacial. São instrumentos fundamentais para intermediar ações entre o sujeito e o objeto de análise. Enfatiza-se que essa tese não pretende realizar uma discussão aprofundada em torno de todos os

conceitos da Geografia, mas somente a que norteará a escrita da tese. O tópico que iremos trabalhar é o conceito de Espaço Geográfico, mais precisamente o conceito adjacente ao Espaço Sagrado.

## 2. ESPAÇO GEOGRÁFICO: UMA BREVE REVISÃO TEÓRICA ACERCA DO CONCEITO

A Geografia com a Antropologia, História, Economia, Filosofia e outras ciências classificadas como Ciências Sociais passaram por diversas transformações ao longo do tempo, especialmente quanto à evolução teórico-conceitual. Deleuze e Guattari (1992) descrevem não haver conceito simples:

Cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Cada conceito tem componentes que podem ser, por sua vez, tomadas como conceitos [...]. Os conceitos vão, pois, ao infinitivo e, sendo criados, não são jamais criados do nada (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 16).

Dentre os conceitos da Geografia, o espaço geográfico é o mais abrangente, pois reúne as dimensões da percepção humana como “um todo”. Haesbaert (2014) na sua denominação de constelações de conceitos geográficos (Figura 1), descreve que entre os conceitos geográficos o de espaço é o mais amplo, do qual derivam e se relacionam os outros conceitos da Geografia. Assim, pode-se dizer que o espaço geográfico é o fruto da ação humana sobre a natureza, modificando-a e transformando-a, portanto, abrangendo o mundo todo.



**Figura 1** - Constelação de Conceitos Geográficos.

**Fonte:** Haesbaert, 2014.

Apesar de o conceito de espaço ser empregado tradicionalmente na Geografia, Corrêa (1982) lembra que o termo é de uso corrente, utilizado no dia a dia em diversas ciências,

apresentando numerosos qualificativos. Assim, vamos expor aqui um arcabouço teórico limitado (e aqui não são todos, pois não é o objetivo central do trabalho) para discutir noções acerca do espaço geográfico, utilizando-se para tais leituras predefinidas em um acervo mais amplo possível.

Vários filósofos e geógrafos tentaram definir o espaço ou buscaram se aproximar do seu sentido, apresentando características dadas como essenciais deste fenômeno. Essa discussão passa pela relação, que vai desde Aristóteles até as discussões atuais, passando por diversas concepções de entender o espaço como conceitos/definições-chave nas intervenções de determinados fenômenos (PIETTRE, 1997).

Uma das primeiras definições encontradas em Abbagnano (2007) remonta à obra de Aristóteles Sobre o Céu, onde descreve que o espaço era inexistente do vazio e lugar como posição de um corpo entre outros corpos. Para Aristóteles, não basta que esta área esteja preenchida, é necessário haver um referencial, outro corpo que dê ao primeiro uma localização (DUARTE; MATIAS, 2005).

O entendimento de espaço passou pela concepção Newtoniana que se baseava na necessidade da existência de um ponto ou quadro fixo de referência para um corpo, já que haveria uma diferença absoluta entre um corpo em repouso, em movimento e sob aceleração. Esse quadro fixo seria o espaço absoluto em relação ao qual os corpos se movem ou se aceleram. Leibniz critica tal entendimento já que, para sua existência, esse espaço teria que ser totalmente uniforme e homogêneo, não havendo então marcadores, impedindo assim sua função como quadro de referência. Leibniz conclui que o espaço é irreal ou uma abstração, sendo que a única base para verdades sobre relações espaciais era a maneira como estas se mostram a diferentes observadores (GOMES, 2008).

Ainda no século XVII, Henry More (1614-1687), com base nas noções de espaço de Aristóteles, apresenta o espaço como um tipo de entidade espiritual, sendo indiscernível e penetrável. More relata que o espaço vazio não está vazio, porque continuará a estar preenchido pela extensão divina. Apenas estará vazio de matéria ou, mais propriamente, de corpos (KOYRÉ, 2006). Oliveira Júnior e Medeiros (2017), escrevem que as teses de Henry More possuem uma em tal meio, já que foi ele quem primeiro elaborou uma cosmologia que compreende o espaço para além de um universo finito, além de antecipar, mesmo que a partir de especulações teológicas, uma proposta que afirma a existência de forças “Naturais” que determinam o modo como os corpos se constituem e se comportam no universo.

No século XVIII, o filósofo e geógrafo, Immanuel Kant (1724-1804), citado por Chaui (2000), descreve que o espaço é algo impossível de perceber, mas que permite haver a percepção. Nessa concepção, Kant separa o espaço e os demais elementos. Seneda (2009) relata que as

considerações feitas por Kant, a respeito do espaço, foram importantes, principalmente no avanço dos estudos regionais, mas são limitadas, uma vez que não veem a percepção do espaço como algo possível, nem o espaço como algo constituído de significado ou estrutura própria. Mas adiante, alguns filósofos, como Heidegger, dão importância maior ao homem inserindo-o como componente essencial num estado deste tipo, ele afirma que a realidade é humana e espacial na sua natureza, além de estar dominada pela proximidade ou pela distância das coisas utilizáveis. O homem como ser ativo no mundo organiza e cria espaços arrumando e desarrumando conforme a sua cultura e seus objetivos (DUARTE; MATIAS, 2005).

Com a inserção do homem como fator de compreensão do que seja espaço, alguns filósofos da corrente idealista chegam a admitir o espaço como uma simples aparência, algo independente de uma *a priori* interno que “brota” do homem, desprezando a existência como ponto de partida para a construção deste espaço pelo homem, desprezando a existência como ponto de partida para a construção deste espaço pelo homem. Sartre diz “o homem não é mais que o que ele faz”, neste existencialismo sartriano busca a base de compreensão homem-mundo, uma vez que admite a essencialidade do homem na estrutura do espaço (LAPORTE; VOLPE; PACHECO, 2000; DUARTE; MATIAS, 2005; ALMADA, 2013).

Após esse pequeno percurso pela concepção filosófica do espaço, faremos um percurso na história do pensamento geográfico, para compreendermos o conceito de espaço geográfico. De acordo com Corrêa (2006), o espaço geográfico foi discutido e interpretado conforme as diferentes práticas humanas que estabeleceram diferentes conceitos sobre o significado do espaço geográfico, às vezes sendo necessário trabalhar com o conceito de tempo e espaço. A mesma ideia é compartilhada por Santos (2002), quando retrata que as relações sociais, na busca incessante de superação de suas dificuldades, criam e recriam suas leituras de mundo, incluindo, as categorias e seus significados. Temos que ao longo do tempo do desenvolvimento da Geografia o espaço foi visto de diferentes formas, concebidos de diferentes formas conforme as concepções que norteiam o pensamento geográfico.

### **3. ESPAÇO GEOGRÁFICO NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

As bases filosóficas da Geografia e o surgimento do espaço remontam a pensadores como Descartes, Kant, Comte, Hegel e Marx (SANTOS, 1978), porém a evolução do pensamento geográfico, oferece um caminho para entender como o espaço passou a construir um conceito-chave nesta área do saber. Corrêa (2003) identifica, nessa evolução, três períodos. O primeiro período se estende de 1870 até 1950 (quando a Geografia se torna uma disciplina institucionalizada nas

universidades europeias) sendo denominada Geografia Tradicional. Nesse período o espaço não se apresenta como conceito-chave para a Geografia, fazendo-se apenas de forma implícita, aparecendo de forma indireta nas obras de dois expoentes do contexto geográfico da época, Friedrich Ratzel e Richard Hartshorne.

Friedrich Ratzel possui considerável relevância para a Geografia, uma vez que o pensador alemão foi o pioneiro nos estudos geográficos modernos e na sistematização científica desta área do conhecimento, além das pesquisas na antropogeografia. Desenvolveu dois importantes conceitos em sua obra: território e espaço vital, ambos fortemente influenciados pela ecologia e a política. O território, na visão de Ratzel é a apropriação de um espaço por parte de um determinado grupo. Já o espaço vital era aquela fração de território necessário para o desenvolvimento social e econômico de um povo, permitindo ao homem controlar facilmente os recursos a serem utilizados, vinculando a sociedade mais diretamente (e não menos) aos recursos naturais (GALVÃO; BEZERRIL, 2012).

Já Richard Hartshorne (1899-1992) foi um dos grandes teóricos do século XX. Deixou um extenso legado em importantes obras e artigos publicados entre as décadas de 1930 e 1960. Em suas obras, Hartshorne coloca que os conceitos espaciais são de fundamental importância para a geografia, sendo a tarefa dos geógrafos, descrever o espaço, que era entendido como absoluto, um receptáculo que apenas contém coisas (MORAES, 1999; CORRÊA, 2003). Hartshorne cunhou a noção de espaço absoluto, ou seja, o espaço seria um conjunto de pontos que possuem existência entre si. A visão dele tinha como base as ideias de Kant, influenciado por Newton, afirmando que o espaço e o tempo se associam a todas as dimensões da vida, estando a noção de espaço ligado fortemente à ideia de área, enquanto delimitação (POLON, 2016).

Em Hartshorne (1939), o espaço aparece, como um receptáculo, ou seja, o espaço é:

Somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade [...] a área, em si própria, está relacionada aos fenômenos dentro dele, somente aquilo que ela os contém em tais e tais localizações. (HARTSHORNE, 1939, p. 395).

O segundo período abrange as décadas de 1950 e 1960. Corresponde ao surgimento da *Geografia teórica-quantitativa*. É quando ela passa a ser considerada uma ciência social e a ser vista como uma ciência espacial. Corrêa (2003, p. 20) escreve que o espaço aparece, pela primeira vez na história do pensamento geográfico, como o conceito-chave da disciplina. A Geografia teórica-quantitativa define o espaço como absoluto, isotópico, matricial, utilizado para a construção de sistemas e modelos aplicados ao planejamento e a organização do espaço. Como fruto desse pensamento, Harvey (1969) abordou a ideia de espaço que distingue as concepções de espaço absoluto (cartesiano), espaço relativo (inspirado nas contribuições de Albert Einstein) e o espaço relacional, incorporando elementos filosóficos que se afastam das medições extras e englobam as relações de possibilidade.

Porém, é na Geografia Crítica, terceiro período é dividido em três variações (o radicalismo anglo-americano; a influência francesa e os movimentos dos geógrafos sul-americanos) (SOJA, 1993) que o espaço (re)aparece como conceito chave. Sposito (2004) faz as seguintes colocações:

O espaço aparece definitivamente na análise marxista a partir da obra de Henri Lefébvre. Em seu *Espacio y Política* argumenta que o espaço “desempenha um papel ou uma fração decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema”. O espaço entendido como espaço social, vivido em estrita correlação com a prática social, não deve ser visto como espaço absoluto, “vazio e puro, lugar por excelência dos números e das proporções” (LEFEBVRE, 1976, p. 29), nem como um produto da sociedade, “ponto de reunião dos objetos produzidos, o conjunto das coisas que ocupam e de seus subconjuntos, efetuado, objetiva, portanto, funcional” (LEFEBVRE, 1976, p. 30). O espaço não é nem o ponto de partida (espaço absoluto), nem o ponto de chegada (espaço como produto social) (SPOSITO, 2004, p. 25).

Sposito (2004; 2011) diz que após romper com as tradições positivistas na geografia crítica que surge uma contribuição mais polêmica em torno do espaço. Esse rompimento trouxe a busca por novos caminhos, novas propostas, onde o objeto, o método e o significado da geografia foram questionados, colocando a geografia mais generosa que conseguia aprender com a complexidade do espaço que passava por grandes transformações no período (QUEIROZ, 2019).

Nesse período, como destaca Sposito (2003) diversos autores abordaram vários aspectos relativos à noção de espaço geográfico, procurando incorporar o instrumental marxista à análise geográfica, embora reconhecendo o caráter secundário que o espaço tem na obra de Marx. A maioria parte dos geógrafos que procura introduzir o marxismo na geografia se apoia em Lefebvre, que pode ser apontado como principal formulador da renovação do pensamento espacial dentro do marxismo, definindo o espaço, ao mesmo tempo, como locus e produto da reprodução das relações sociais de produção portanto, como centro da luta de classes (ALENTEJANO, 2001). Lefebvre (1974) cunha sua definição de espaço como:

No curso esse vasto processo e transformação, o espaço revela sua natureza, aquilo que ele sempre foi: a) um espaço político, lugar e objeto das estratégias; b) uma projeção do tempo, reagindo sobre ele e permitindo dominá-lo, e, por conseguinte, atualmente explorá-lo até a morte (LEFEBVRE, 1999. p. 176/177).

Essa centralidade do espaço influenciou fortemente os geógrafos, como Milton Santos. Santos descrevia que encontrar uma definição única para espaço é tarefa árdua, pois cada categoria possui diversas acepções, recebe diferentes elementos de forma que todo e qualquer definição não é uma definição imutável, fixa, eterna; ela é flexível e permite mudanças (POLON, 2016). Isso significa, que os conceitos têm diferentes significados, historicamente definidos.

Santos (1985) descreve que quatro categorias centrais deveriam ser consideradas na análise do espaço, sendo elas: 1) a forma, isto é, a aparência dos processos espaciais; 2) a função, ou seja, a tarefa dos objetos; 3) a estrutura, qual seja, a natureza social e econômica da sociedade; 4) o processo, isto é, ação da organização do espaço.

O próprio Santos redefiniu sua formulação de espaço ao longo de sua obra. Num primeiro momento, o espaço foi visto como um conjunto de fixos (instrumentos de trabalho) e fluxos (o movimento, a circulação) (SANTOS, 1978, 1985, 1988). Em sua obra *Espaço e Sociedade*, Santos (1979) descreve que o espaço é organizado socialmente, espaço e natureza são sinônimos, desde que se considere a natureza como uma instância transformada, uma segunda natureza, conforme Marx a denominou (SAQUET; SILVA, 2008).

Num segundo momento, Santos (1988) e Santos e Silveira (2001) aparece a configuração territorial (são o conjunto dos sistemas naturais, herdados por uma determinada sociedade, e dos sistemas de engenharia, isto é, objetos técnicos e culturais historicamente estabelecidos) e as relações sociais (BRULE, 2017).

No terceiro momento, (desenvolvido no livro *A Natureza do Espaço*), Santos assume o entendimento que a dialética se dá através do par, sistemas de objetos e sistemas de ação, visto de maneira indissociável (SANTOS, 1996). Assim, define o espaço como:

O espaço é um híbrido composto de formas-conteúdos, formas-funções, objetos-ações, processos e resultados, sendo o fenômeno técnico uma das principais condições históricas de transformação do espaço. Juntamente com outros processos econômicos, culturais e políticos (SANTOS, 1996, p. 46).

No qual o espaço geográfico constitui “um sistema de objetos e um sistema de ações” que:

É formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá no começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (SANTOS, 1997, p. 39).

No contexto atual, o meio técnico-científico-informacional dá a nova cara do espaço e do tempo, onde se instalam as atividades hegemônicas, onde os lugares e temporalidades diversos se unem hierarquicamente (ALENTEJANO, 2001), Santos (2008, p. 33) define espaço como a base técnica da sociedade e do espaço constitui, hoje, um dado fundamental da explicação histórica, já que a técnica invadiu todos os aspectos da vida humana, em todos os lugares.

Diversos autores, no decorrer do tempo, já abordaram sobre os vários aspectos relativos à noção de espaço geográfico. Souza (1995, p. 78) considera necessário distinguir espaço social de espaço natural, definindo-se como uma construção humana que implica maior ou menor grau de transformação do ambiente natural.

Para Smith (1988; 1998, p. 130), o espaço é expressão do valor, representando a estrutura e o desenvolvimento do modelo de produção vigente. Soja (1993, p. 99), por sua vez, tenta integrar as tradições marxista, social, crítica e geográfica, apontando para a possibilidade da construção de uma tríplice dialética: espaço, tempo e ser social.

Já para Moreira, o espaço é tanto uma realidade empírica como uma categoria analítica, sendo determinante chave na história no presente (ALENTEJANO, 2001). Moreira (1993) aborda o espaço geográfico comparado a uma quadra de futebol de salão, de modo que o arranjo do terreno reproduz as regras do jogo. Mas nesta quadra, podem ser jogados outros esportes, como vôlei, basquete e handebol. Da mesma forma, o espaço geográfico é transformado conforme as “regras” da sociedade. Assim, entende-se que o espaço geográfico é dinamizado a partir das relações sociais que nele se estabelecem em períodos históricos diversos (POLON, 2016).

De tal modo como o espaço, a própria Geografia também é dinâmica, e eis que paralelamente ao desenvolvimento da Geografia Crítica nos anos 70, outra corrente geográfica desenvolve, a Geografia Humanista e Cultural, a qual está calcada na fenomenologia e os existencialismos, as quais têm como base a subjetividade, a valorização dos sentimentos, uma análise das experiências individuais e coletivas, e o simbolismo (ROCHA, 2007; POLON, 2016). A Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltados e valorizados as experiências, os sentidos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos. O seu principal teórico é Yi- Fu Tuan, que descreve a Geografia Humanística como:

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982, p. 153).

O aspecto a ser destacado nesse processo de consolidação da Geografia Humanista é que esta, ao estruturar-se, buscou e estabeleceu para seus estudos um aporte filosófico e conceitual baseado na fenomenologia (HOLZER, 1999). Conforme Holzer (1996, p. 11-12), a fenomenologia passa a ser um aporte para estudos geográficos com aspectos subjetivos da espacialidade, a partir de Edward Relph, sendo que “[...] o método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as “essências” da estrutura perspectiva”.

Rocha (2007), baseado em Relph (1975), Tuan (1980), Buttimer (1982) e Lowenthal (1982), reflete que se tem assim como preceito que todas as pessoas estão diretamente ligados ao mundo através de sua vivência e de seus sentidos, onde cada indivíduo vê, o melhor, percebe a realidade de forma diferente, sendo cada ideia sobre esse espaço, composto de uma consciência baseada em experiências pessoais, aprendizados, imaginação, memória, fatos que tornam o mundo e o espaço geográfico idiossincrático a partir das percepções humanas sobre ele.

Pelas diferentes práticas sociais na abordagem humanística e cultural, as formas de viver o espaço são distintas (GALLAIS, 1977). Corrêa (1996) numa tentativa de sistematização do debate geográfico sobre a noção de espaço e de formulação, o importante seria desenvolver um

instrumento de análise espacial. Estão propostas cinco práticas espaciais: 1) seletividade espacial; 2) fragmentação-remembramento; 3) antecipação espacial; 4) marginação espacial; 5) reprodução. Acrescenta ainda que o espaço não é apenas uma entidade objetiva, mas também intersubjetividade, uma vez que suas significações são compartilhadas por diversos indivíduos.

Após este breve resumo do debate sobre a noção do espaço na Geografia, percebemos o quanto é necessário deixar claro, que essa categoria conceitual, está em constante (re)construção, o quanto é dinâmica, histórica, temporal, o que não permite apresentar o que foi posto aqui como algo acabado, completo. Assim, neste rol de conceitos atribuídos ao espaço geográfico, destacamos Tuan (1983), o qual descreve diversos tipos de espaços, como o espaço pessoal, o espaço grupal, o espaço mítico e principalmente o espaço sagrado, o qual será abordado logo abaixo e utilizado frequentemente nesta tese.

#### **4. ESPAÇO SAGRADO: VIVÊNCIA, PERCEPÇÃO E SIMBOLISMO**

O conceito adjacente ao Espaço que nos interessa é o Espaço Sagrado ou Espaço do Sagrado. Esse conceito também não está imune às considerações de natureza analítica e simbólica. Porém, para discutir o Espaço Sagrado é necessário discutir a relação entre vivência, percepção e simbolismo do mesmo.

Trabalhar com o espaço vivido é lidar com a subjetividade. A possibilidade de captar informações, significados, está muito ligada à interação que existe entre todos os envolvidos na informalidade dessas relações. É uma construção que capta e analisa de forma concomitante o vivido, o espacial e o temporal.

Frémont (1980) trata o “espaço vivido” de forma singular, Ele se utiliza da psicologia genética de Piaget, essencialmente a psicologia da criança que acontece “em formação contínua, de experiência, de etapa em etapa, numa adaptação progressiva das estruturas da inteligência às sucessivas situações” (OLIVEIRA, 2012). O espaço, na perspectiva do espaço vivido, é, basicamente, o conjunto de representações simbólicas, conforme Corrêa (2003):

O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao efetivo, ao mágico, ao imaginário. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura (CORRÊA, 2003, p. 32).

Lencioni (2014) diz que o espaço vivido passa a ser construído socialmente através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as práticas sociais. Essa percepção, segundo Corrêa (2003):

está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade o mundo percebido (CORRÊA, 2003, p. 30).

Para Lencioni (2014):

A consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental, a experiência vivida constrói a consciência, sendo que pelo mundo vivido, a fenomenologia coloca o indivíduo em contato com o mundo de objetos exteriores por via da percepção (LENCIONI, 2014, p. 150-151).

O espaço não fica restrito a visualização, uma vez que nos leva a questionar e a perceber a inserção dos fenômenos em um espaço cheio de ideias abertas e compostas por intuições, assim Merleau-Ponty (1999) observa que o espaço está relacionado com a visão e a percepção do sujeito.

É preciso aproximar-se mais diretamente dessa intencionalidade, examinando a noção simétrica de uma forma da percepção e, particularmente, a noção de espaço [...] O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível (MERLEAU-PONTY, 2001, p. 327-328).

Essa percepção varia de grupo para grupo. Os povos têm atribuído sacralidade a diferentes objetos – como árvores sagradas, pedras, grutas com poderes milagrosos, fonte que cura, túmulo em volta do qual ocorrem milagres – entre outros (ROSENDAHL, 1995). Cada religião tem uma percepção diferente dos seus espaços sagrados. Os espaços sagrados dos indianos são encontrados em nascentes de rios e em suas confluências, para os budistas, a preferência ocorre, geralmente, nas montanhas do Tibete. Os cristãos elegem igualmente as montanhas e as grutas e outras religiões elegem inúmeros outros lugares (ROSENDAHL, 2012).

Esse espaço é moldado por diferentes agentes sociais, sofre influência do simbolismo, tanto do meio interno quanto externo, podendo mercantilizar o espaço (COSTA; MARTINS, 2013). O simbolismo pode ser fixo que é representado por algum objeto, construções em determinado espaço ou fluxo onde vai priorizar o deslocamento, como o itinerário simbólico representado por datas festivas, devoção religiosa, manifestações culturais que acontecem regularmente. Esse simbolismo no espaço, principalmente no sagrado, é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas variadas vertentes do saber humano.

O pensamento simbólico é essencial para o ser humano, uma vez que o estudo do simbolismo ajuda no conhecimento do homem consigo mesmo. O homem recorre aos símbolos para expressar uma realidade abstrata, um sentimento ou ideia, que é visível aos sentidos, e que dá sentido à sua vida, ou seja, faz com que o homem encontre um lugar no universo (SEBASTIAN, 1996, p. 17). Esse simbolismo pode ser construído, reivindicado e operado por diversos atores, demonstrando suas múltiplas faces (ROSENDAHL, 2012).

#### 4.1. Espaço Sagrado: Conceito e Categoria na Geografia da Religião

A história da humanidade é marcada pelo sentimento religioso. O ser humano, desde o início, teve necessidade de se comunicar com Deus. Esta comunicação com o Divino, pode ocorrer de forma coletiva e ritualizada ou na dimensão individualizada e espiritualidade. A noção de sagrado e a necessidade de manifestá-lo na realidade cotidiana da vida na Terra, assumiu maneiras diversas ao longo da existência humana, não só porque a interpretação da transcendência é própria de cada tempo, como porque a forma de expressá-la é característica de cada cultura. A escolha de símbolos, da condição espiritual é um caminho natural da historicização, tenha ele clara percepção disso ou não. Verificando a história das religiões, há um lugar especial para o ser humano se relacionar com a sua espiritualidade, denominado espaço sagrado (PARK, 1994; STUMP, 2008).

Na maioria das religiões, o espaço sagrado significa lugares reais de ocupação do solo, alguns desses o próprio reflexo do mundo celeste, como podemos refletir com as declarações de líderes religiosos no documentário Espaço Sagrados: Os significados dos locais de cultos produzidos pela Empresa Brasil de Comunicações (EBC, 2019).

Onde existe um trabalho aberto, onde existe um trabalho cultuado, ele passa a ser sagrado. Quando se sai de um lugar utilizado, essa energia se dispersa, mas até então no momento do ritual, ele passou a ser um espaço sagrado. Onde as forças das espiritualidades estão presentes, onde já se comunicou, ela já se fez presente, a espiritualidade já emana, esse momento é um espaço sagrado. (Ricardo Nunes, Umbanda, Jurema/PE – EBC, 2019).

O espaço sagrado é um espaço no qual você vai fazer o seu ritual. Então, você consagra aquele local e você abre o círculo mágico. Então, enquanto esse círculo estiver aberto, aquele espaço é um espaço sagrado. Porque é o espaço entre os mundos. É o espaço que faz a sua conexão com a divindade, com os deuses antigos. (Sacerdotisa Denise de Santt, Wicca/SP – EBC, 2019).

A mata onde é o local de caçada, onde nossos pajés recebem o conhecimento da natureza e o local onde se realiza as festas nossas são muito sagrado. Onde põe as roças, os nossos plantios, tem os lugares específicos que é mais sagrado, mas que tudo é sagrado para nós. É difícil separar o que é e o que não é. (Cintia Guajajara Hai Du Mor, Povo Guajajara/MA – EBC, 2019).

A primeira casa sagrada para o muçulmano está na Arábia Saudita, onde o Islã surgiu, se chama Kaaba. Quando rezamos, dirigimos orações na direção dessa casa. (Sheikh Abdul Ahmad/BA, Islamismo – EBC, 2019).

É um lugar especial onde se realiza o rito próprio daquela religião. (Padre Edson Menezes da Silva, Igreja Católica/BA – ECB, 2019).

Para falar de espaço sagrado é importante falar de territorialidade, territorialidade é a terra que para nós representa a criação. Onde são plantados todos os nossos axés. Então, o terreiro é um complexo que o território abrange e onde se semeia o sagrado, tem muito a ver com a identidade, tem muito a ver com os modos viventes. (Baba Diba de Iymonja, Batuque/RS – EBC, 2019).

Se aquele espaço é utilizado com amor, com pretensão de evolução, ele tem um conceito sagrado. (Beto Vale, Vale do Amanhecer/DF – EBC, 2019).

Pensando como um local de manifestações ou como uma configuração espacial, o espaço sagrado pode ser um conceito polivalente nas abordagens da geografia da religião (PEREIRA; GIL FILHO, 2012). O espaço sagrado não é apenas um reflexo do produto atual, mas também da produção do passado que acabam por refletir hoje, pois sendo construído pelo homem, este é o que organiza e o transforma (MORAES, 2005).

Partindo dessas prerrogativas, alguns autores tradicionais nos estudos da religião, como Weber (1964), Berger (1985), Eliade (1992) e Durkheim (1996), tendem a explicar que “o sagrado se manifesta sob a forma de hierofania<sup>1</sup> no espaço [...] revela-se um dom carismático que o objeto ou a pessoa possui [...] e se impõe por ele mesmo [...]” (ROSENDAHL, 1997, p. 121).

Para se tornar um espaço sagrado, é necessário o reconhecimento de uma conexão com uma dimensão do ser mais além de si mesmo, além do mundo temporal, uma ligação com a exterioridade do sagrado. Segundo Robertson-Smith (1907) o espaço sagrado só pode ser constituído em um local onde os deuses tivessem dado evidência inquestionável de sua presença, pois, é provável que a divindade se manifeste novamente onde já apareceu no passado.

Apesar da onipresença de Deus, existem espaços, mais sagrados do que outros. Por essa perspectiva, entende-se que o espaço sagrado não se refere apenas a um espaço localizável/um local, mas diz respeito a uma série de experiências religiosas que, conjuntamente, estruturam a dimensão da esfera religiosa. Assim, Pereira e Gil Filho (2012) descrevem:

O Espaço Sagrado pode ser visto de maneira mais abrangente, do que se fosse encarado simplesmente como um lócus de manifestações, pois, é configurado por certas dimensões não-materiais (simbólicas), que constroem as relações em seu meio, dando sentido ao ser e a realidade religiosa, tão ou mais importante que a própria localização do fenômeno (PEREIRA; GIL FILHO, 2012, p. 11).

Nas primeiras definições de espaço sagrado, Tuan (1980) aborda que os espaços sagrados, os quais seriam um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo e se opõe aos espaços profanos, que seriam caracterizados pela existência de elementos que não possuam sacralidade, tratando ainda o espaço sagrado como sendo “[...] o lócus de uma hierofania, isto é, uma manifestação do sagrado”. Essa dicotomia também é descrita na primeira definição de espaço sagrado de Eliade (1991; 1999, p. 17), em que descreve que o espaço sagrado se opõe ao espaço profano, sendo assim, o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta e se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano, fazendo com que o homem religioso vivencie de forma diferente tais espaços. O espaço profano é aquele não visto como sagrado, onde o homem não tem nenhum afeto ou apego por alguma localidade ou, símbolo, por qualquer objeto a ele nada mais é do que um simples objeto, algo dessacralizado (ROSENDAHL, 1996; 1997).

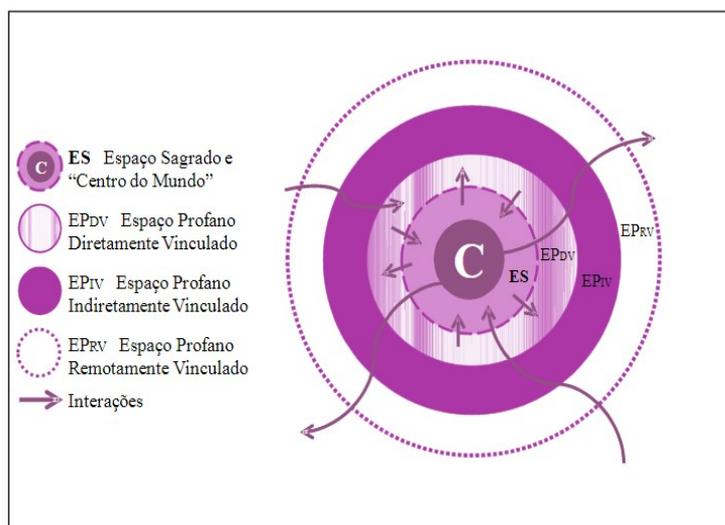
---

1 Manifestação reveladora do Sagrado.

Nesse sentido, a organização dicotômica sagrado-profano dota o espaço sagrado de prerrogativas, geradas a partir da hidrofania, capazes de reorganizar o seu entorno e, ao mesmo tempo fornecer ao fiel à mediação entre ele e a divindade. Seguindo nesta perspectiva, esta dinâmica gera características específicas no enquadramento locacional da “manifestação do sagrado”, possibilitando sua esquematização físico-espacial.

Rosendahl (1994) define “o espaço sagrado” como o “ponto fixo”, lugar da hierofania, e o seu entorno; envolvendo o espaço sagrado aparecem, respectivamente, os espaços profanos direta e indiretamente vinculados: todos configuram o espaço da pequena vila”. Em 1997, Rosendahl vai mais além e propõe um esquema de espaço sagrado e espaço profano, diz que pela segregação que o sagrado impõe à organização espacial é permitido identificar quatro áreas de atuação do grupo religioso, quatro áreas de intensidade diferenciada da manifestação do sagrado no espaço (Figura 2), sendo elas:

- O espaço sagrado;
- O espaço profano diretamente vinculado ao sagrado;
- O espaço profano vinculado;
- Espaço profano.



**Figura 2** - Esquema do Espaço Sagrado e do Espaço Profano.  
**Fonte:** Rosendahl, 1997, p. 123.

Assim, como Eliade (1999), Rosendahl (2002) chega ao mesmo ponto comum: o espaço sagrado proporciona ao homem vivenciar uma experiência diferente daquelas vividas em seu cotidiano, levando-o a um contato com o divino (GIL FILHO, 2008).

Na tentativa de dar um caráter geográfico ao conceito de espaço sagrado, particularmente em seu arranjo espacial em seu sucessivo acúmulo do tempo, diversos autores demonstraram a

importância deste para os estudos da religião na geografia. Eliade (1996) quando descreve o seu primeiro conceito de espaço sagrado se aproxima do conceito de “lugar” de Tuan, pois ambos têm em comum o fato de estarem navegando no universo simbólico do “sentido” e do “valor”. Chui (2000, p. 38) o caracteriza como cultos, manifestações, oferendas, preces em agradecimentos aos fenômenos tidos como bons que ocorrem na vida e na espacialidade social. Corrêa (2003) afirma que o espaço onde há a manifestação (hierofania) do sagrado é o espaço sagrado.

Rosendahl (2002) entende o espaço sagrado como:

[...] um campo de formas e de valores que eleva o homem religiosos acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas e, Deus, as monoteístas (ROSENDAHL, 2002, p. 30).

Gil Filho (2008) descreve que o espaço sagrado ganha uma atenção especial, definindo o mesmo como:

se apresenta como palco privilegiado das práticas religiosas. Por ser próprio do mundo da percepção, o espaço sagrado apresenta marcas distintas da religião, conferindo-lhe singularidades peculiares aos mundos religiosos (GIL FILHO, 2008, p. 119).

Assim, verificamos que o espaço geográfico se materializa as ações humanas, portanto, pode se considerar que a religião é uma ação exterior humana que se consolida e espaço mediante a produção humana, sendo um objeto resultante de uma atuação do homem, que cria o espaço sagrado, este apenas considerado para aqueles que têm certa afinidade com ele e os que não têm, o consideram como profano, pois nada mais é como um simples espaço, qual não interfere diretamente nas suas concepções e ações.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de teorizações que emergem da constelação de conceitos, identificamos que o termo “espaço sagrado” representa uma das ideias mais recorrentes dentro das discussões espaciais sobre o fenômeno religioso. A partir disto, iniciamos um percurso procurando deixar evidente, diferentes modos de compreensão deste termo. É necessário descrever o desafio e complexidade de ensaiar sobre sua compreensão. O espaço sagrado é vivido e experimentado com emoção, ditando a vida de sentido, tornando-se um lugar de pertencimento e forte sensibilidade. Essa qualificação, norteia as práticas religiosas diversas, encorajando, a propósito, as peregrinações em múltiplos sistemas religiosos.

Nesses espaços há uma separação do vivido cotidiano com um vivido desejado. As pessoas que frequentemente usufruem de um lugar místico, mas também real, uma vez que está

concretizado por uma construção e demarcação de espaço, sendo distinto o sagrado e o profano. O místico se torna presente por meio da hierofania, onde algo que se revela pelo sagrado está ligado ao espaço onde é praticado.

Diante da atemporalidade do processo de construção do espaço sagrado, é necessário admitir que essa elaboração simbólica subsiste na pós-modernidade, mesmo que esse discurso mítico/simbólico se apresente metamorfoseando, uma vez que os mitos não morrem, são apenas ressignificados pelas novas gerações.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio através do Projeto 300072 edital 001/2022 – Demanda Universal. Também agradecemos a CAPES e FAPERJ pela bolsa de Doutorado do primeiro autor.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1232p.
- ALENTEJANO, P. R. Espaço, Território e Região: uma tentativa de conceitualização. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 2, p. 7-37, 2001.
- ALMADA, J. A. B. Espaço Geográfico e Existencialismo: leitura de Sartre em Milton Santos. **Revista de Geografia**, v. 3, n. 2, p. 1-7, 2013.
- BERGER, P. **O Dossel Sagrado: Elementos Para uma Teoria Sociológica da Religião**. São Paulo: Paulus, 1985. 200p.
- BRULE, D. M. V. D. Espaço Geográfico vivido socialmente: uma aproximação da Geografia Crítica com o Horizonte Humanista. **Revista de Geografia**, v. 34, n. 1, p. 6-26, 2017.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. 520p.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9-50, 2003.
- CORRÊA, R. L. Metrôpoles, Corporação e Espaço: uma introdução ao caso brasileiro. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Brasil: Questões Atuais da Reorganização Espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 67-114, 1996.
- CORRÊA, R. L. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, M. (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, p. 25-34.

COSTA, A. A.; MARTINS, R. S. Territorialidades e Simbolismo no espaço urbano de Poços de Caldas - MG. In: Anais do Primeiro Workshop de Geografia Cultural. 1. 2013. Alfenas. **Anais...** Alfenas, p. 80-99.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 272p.

DUARTE, M. B.; MATIAS, V. R. S. Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da Fenomenologia. **Caminhos de Geografia**, v. 17, n. 16, p. 190-196, 2005.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 609p.

ELIADE, M. **Contributions à la philosophie de la Renaissance suivi d'itinéraire**. Paris: Gallimard, 1992. 154p.

ELIADE, M. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 173p.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 192p.

ELIADE, M. Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso. In: ELIADE, M.; KITAGAWA, J. M. **Metodología de la Historia de las Religiones**. Barcelona: Paidós Orientalia, p. 116-139, 1996.

EPC – EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÕES. **Espaços Sagrados**: os significados dos locais de cultos. Realej Filmes. 2019.

GALLAIS, J. Alguns Aspectos do Espaço Vivido nas Civilizações do Mundo Tropical. **Espaço e Cultura**, n. 6, p. 9-15, 1998.

GALVÃO, I. R.; BEZERRIL, K. O. O povo e seu território: uma discussão sobre a teoria de Friedrich Ratzel. **Revista de Geopolítica**, v. 3, n. 2, p. 230-238, 2012.

GIL FILHO, S. **Espaço Sagrado**. Estudos de Geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008. 163p.

GOMES, I. **(Re)Pensando e (Re)Qualificando o Rural**: Uma Contribuição da Geografia ao Debate. 2008. 164 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 436p.

HARTSHORNE, R. **The Nature of Geography**. Lancaster, v. 29, n. 3-4, 1939.

HARVEY, D. **Explanation in Geography**. New York: St. Martin's Press, 1969. 542p.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, n. 3, p. 8-19, 1996.

HOLZER, W. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro, p. 149-168, 1999.

KOYRE, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. São Paulo: Forense Universitária, 2006. 288p.

LAPORTE, A. M.; VOLPE, N.; PACHECO, J. E. C. **Existencialismo**: uma reflexão antropológica e política a partir de Heidegger e Sartre. Curitiba: Juruá, 2000. 134p.

LEFEBVRE, H. **Espacio y Política**. Barcelona: Ediciones Península, 1976. 160p.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. *Anthropes*, v. 31, p. 15-35, 1974.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EdUSP, 2014. 224p.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiências e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 101-130, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 555p.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1999. 152p.

MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Annablume, 2005. 156p.

MOREIRA, R. Repensando a Geografia. In: SANTOS, M. (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, p. 101-138, 1993.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. L.; MEDEIROS, D. B. Sobre o espaço: noções gerais a partir de Aristóteles e Henry More. **Revista Primordium**, v. 2, n. 4, p. 395-405, 2017.

OLIVEIRA, H. C. M. Espaço e Religião, Sagrado e Profano: uma contribuição para a Geografia da Religião do Movimento Pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 32, p. 135-161, 2012.

PARK, C. **Sacred Worlds: an introduction to geography and religion**. Londres: Routledge, 1994. 224p.

PEREIRA, C. J.; GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião e espaço Sagrado: diferenças entre as noções de locus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, v. 6, n. 1, p. 35-50, 2012.

PIETTRE, B. **Filosofia e Ciência do Tempo**. Bauru: EDUSC, 1997. 224p.

POLON, L. C. K. Espaço Geográfico: breve discussão teórica acerca do conceito. **Re. Geogr. Acadêmica**, v. 10, n. 2, p. 82-92, 2016.

QUEIROZ, W. F. Espaço, trabalho e alienação: por uma Geografia para além do capital. **Revista Geografia em Atos**, v. 3, n. 10, p. 32-49, 2019.

RELPH, E. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 7, n. 4, p. 1-25, 1975.

- ROBERTSON-SMITH, W. **Lectures on the Religion of the Semites**. London: Adam and Charles Black, 1907. 148p.
- ROCHA, S. A. Geografia Humanista: história, conceito e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Ra'ega**, v. 13, p. 19-27, 2007.
- ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. 89p.
- ROSENDAHL, Z. **Geografia de Religião: uma proposta**. Espaço e Cultura, n. 1, p. 45-74, 1995.
- ROSENDAHL, Z. **Le Povoir Du Sacre Sus L'Espaca: Muquém e Santa Cruz dos Milagres no Brasil**. Geographie et Cultures, v. 12, p. 71-86, 1994.
- ROSENDAHL, Z. O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 153-199, 1997
- ROSENDAHL, Z. **The Power os Sacred in Space: on analysis of two prigrimage centers in Brazil**. Geography of Religion and Belief Systems, p. 1-7, 1997.
- ROSENDAHL, Z. **Primeiro a Obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da igreja católica no brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. 196p.
- SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção de uma categoria**. São Paulo: Unesp, 2002. 218p.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Hucitec, 1985. 120p.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1978. 136p.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 1978. 288p.
- SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979. 297p.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1997. 392p.
- SANTOS, M. **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: EDUSP, 2008. 94p.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 476p.
- SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. **Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ, v. 10, n. 18, p. 24-42, 2008.
- SEBASTIÁN, S. **Mensaje Simbólico del Arte Medieval**. Barcelona: Encuentro Ediciones, 1996. 440p.

SENEDA, M. C. Conceitos de filosofia na escola e no mundo e a formação do filósofo segundo I. Kant. **Kriterion**, v. 50, n. 119, p. 233-249, 2009.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**. Natureza, capital e a produção do espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 242p.

SMITH, N. **Uneven Development**: nature, capital, and the production of space. New York: University of Georgia Press, 1998. 323p.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas**: A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 324p.

SOUZA, M. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 77-116.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004. 224p.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A Produção do Espaço Urbano**: agentes, escalas e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

STUMP, R. **The Geography of Religion**: fith, place and space. New York: Rowman & Littlefield Publishers. 2008. 442.

TONUCCI FILHO, J. B. M. Espaço e território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica. **Revista Espinhaço**, v. 2, n. 1, p. 41-51, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 342p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiencia. São Paulo: Difel, 1983. 248p.

TUAN Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

WEBER, M. **Economia y Sociedad**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1964. 1272p.